

**Em questão / O saldo da crise**

# A ressaca da

Estilhaçado pela vitória do presidencialismo, acossado pelo PT e privado de suas bandeiras, ao PMDB só restará em novembro o caminho dos grotões

## A morte não anunciada

O doutor Ulysses Guimarães vive nesta Quaresma o seu próprio calvário. Com a derrota do parlamentarismo e a vitória do mandato de cinco anos para o sucessor de Sarney — que implodiu o partido por ele presidido — o deputado perdeu mais do que sua crença na unidade do PMDB. “Ele perdeu a posição de primeiro-ministro de fato e a perspectiva de se tornar primeiro-ministro de direito ou presidente em 88”, diz o deputado Fernando Lyra (ex-PMDB-PE).

Inesperado e melancólico desfecho para aquele que na terra conseguiu praticamente encarnar uma espécie de Santíssima Trindade: a tripresidência do PMDB, da Constituinte e da Câmara dos Deputados, exercendo de quebra a presidência da República quando Sarney viaja.

“Ulysses está pagando um alto preço pelo que não fez”, diz o líder do PDS, deputado Amaral Netto (RJ). Até o fim do ano, perderá sua triplice coroa, e só lhe restará um PMDB esfacelado, em liquidação”, arremata. Para Amaral Netto, o PMDB de hoje é o PDS dos anos Figueiredo — em pior situação. Segundo ele, “o PDS se esfacelou no apagar das luzes do governo passado, e

o PMDB realiza a mesma proeza com todas as luzes acesas”.

Pobre ex-Doutor Diretas: a terça-feira, dia 22, foi uma data sombria em seu calendário. Além da derrota política, que aparentemente não lhe roubou a capacidade de reagir, enfrentou um drama familiar quando sua mulher, dona Mora, fraturou o fêmur numa queda. Desmontava-se naquele momento a articulação que começava a se desenhar para recompor o partido. “Aconteceu o que faltava para abater o velho”, comentou um amigo de Ulysses.

“Em nome da transição e da Constituinte, Ulysses insistia em manter a unidade do partido — e o resultado de tudo foi que, no último ano e meio, decidiu-se apenas nada decidir”, diz pateticamente Antonio Brito (PMDB-RS). A indefinição agora põe em risco os trabalhos da Constituinte e o venerando Ulysses, que jogou todas as fichas do seu carisma na administração da heterogeneidade do maior partido do Brasil e no combate ao regime autoritário, perdeu essas bandeiras. Triste terça-feira. Ulysses preside agora o partido que jogou no lixo as bandeiras do sr. Diretas. As eleições foram adiadas.

## O PT acelera no vácuo

A sete meses das eleições municipais, as perspectivas do PMDB são sombrias. Em São Paulo, a cidade maior do país, uma pesquisa realizada pelo Ibope no final de dezembro registrou 27% do eleitorado da capital favorável ao PMDB, e 36% ao PT. Dois meses depois, outra pesquisa levada a cabo pelo mesmo instituto de opinião indicava que o partido de Lula saltara para 42%. Isso foi antes da votação da última terça-feira. E sem levar em conta o fantasma de Senor Abravanel, aliás Silvio Santos, candidato do PFL, que promete conquistar largas fatias do eleitorado nas classes C, D e E.

Em Belo Horizonte, uma pesquisa do Instituto Vox Populi, realizada entre maio do ano passado e janeiro deste ano, também aponta o PT como um sério adversário do partido do doutor Ulysses. Em maio do ano passado o PMDB era o preferido por 47% do eleitorado. Em janeiro, esse número desceu para 29%, enquanto o do PT, no mesmo período, aumentava de 10,9% para 12,6%.

Há outro perigo: a diáspora de alguns de seus caciques, como o ex-governador Franco Montoro e o senador Fernando Henrique Cardoso, em São Paulo, e do deputado Pimenta da Veiga, em Minas Gerais. No Rio, os pemedebistas sussurraram os nomes de Marcio Braga, Raphael de Almeida Magalhães e José

Colagrossi. Jorge Leite, um chaquista que durante anos deteve o controle da maior parte das bases do partido no estado, já está com um pé no PTB. Ele diz que o partido perdeu a popularidade porque “não assume o poder, nem a oposição ao governo federal”.

Na mais recente pesquisa realizada pelo Ibope a pedido de Marcio Braga, em janeiro, o ex-prefeito Marcello Alencar é lembrado espontaneamente por 35% dos entrevistados como o nome preferido. O escritor Fernando Gabeira, do PT/PV, é o segundo colocado, com 10% dos votos. Alvaro Valle é bem votado. Mas os candidatos do PMDB ficam com algo em torno de 5% das vozes. Nas pequenas cidades, a situação tende a ser mais dramática ainda. Tudo indica que o PT, mantidas as eleições municipais este ano, será o grande beneficiário da derrocada do PMDB. Este, de maior partido urbano do Brasil, tende a se tornar, melancolicamente, o novo partido dos grotões.

Colaboraram: sucursais de Brasília e São Paulo, correspondentes em Washington e Paris.  
Texto final: Claudio Bojunga.  
Diagramação: Antoninho de Paula.

## Partido Mais Dividido do Brasil

Quando o governador Waldir Pires, da Bahia, sentiu que o presidencialismo e o mandato de cinco anos seriam aprovados pela Constituinte, foi logo dizendo que “o PMDB terá que se pensar”. Afinal, na terça-feira passada, o PMDB forneceu quase a metade dos votos que aprovaram o presidencialismo: 150 dos 344. E 146 pemedebistas, sob a ameaça real ou fantasiosa de uma invasão de urutus, aceitaram o mandato de cinco anos para os futuros presidentes da República.

Logo, logo, Waldir Pires traduziu sua perplexidade em indignação, subscrevendo um manifesto que será lançado na próxima terça-feira (até a última sexta-feira já tinha a assinatura de 20 dos 43 senadores do partido), pregando o rompimento definitivo com o Planalto e a desobediência à cúpula, além de pedir diretas-já. Enquanto isso, o PMDB rebelde do senador Fernando Henrique Cardoso, articulado em torno dos históricos do partido, ampliava a sedição. “Temos que mostrar a outra cara do PMDB”, declarou o senador. Uma forma de evitar o “desnaturamento” do partido, como diz Waldir Pires. Aumenta o coro dos descontentes. Afinal, em novembro o PMDB irá às urnas para disputar prefeituras em todo o país. Um processo que começa agora, hoje, com a renovação dos diretórios, através das convenções que o partido realiza nesse domingo, um aqueci-

mento para a Convenção Nacional, marcada para o dia cinco de julho.

Da explosão em 1974, quando o PMDB alcançou 77,5% dos votos nacionais nas eleições para a Câmara e o Senado, à derrota do ano passado em Vila Velha (ES), quando foi esmagado pelo mosquito numa eleição para a prefeitura (o pernillongo deu de 26,81% a 17,71% no candidato do PMDB), muita água correu debaixo da ponte. De partido de “oposição consentida” em 1964, o partido tornou-se uma “frente de oposição” em face do triunfo de 1974, sofrendo por isso mesmo as leis casuísticas e discrecionárias que antecederam às eleições de 1978.

Mas nas eleições municipais de 1985 o PMDB amargou seu primeiro desastre eleitoral, logo depois da vitória de Tancredo Neves sobre Paulo Maluf. O partido perdeu justamente nos redutos onde se concentra grande parte do Produto Interno Bruto brasileiro: São Paulo (um terço do PIB), Rio, Porto Alegre, Recife e até mesmo em Fortaleza e São Luís. A revanche viria em 1986, quando o PMDB fatiou os êxitos duvidosos do Plano Cruzado: 22 dos 23 novos governadores saíram da legenda liderada pelo doutor Ulysses.

Em julho de 1987, Ulysses Guimarães ainda via “o futuro do partido diretamente ligado ao Plano Bresser”. Nesta última segunda-feira, ao perceber que não havia possibilidade de acordo sobre a escolha de regime,

Ulysses comentou: “Percebi que qualquer acordo sobre o sistema de governo e mandato presidencial racharia o PMDB”. Ele recebeu o resultado da votação sem mexer um músculo. Triste terça-feira.

Frases desencantadas: “Não quero me contaminar pela podridão” (Fernando Lyra). Frases táticas: “É preciso esperar a decantação do episódio” (um amigo histórico de Ulysses que prefere manter-se anônimo). Frases prudentes: “A solução imediata é manter a calma” (deputado Luiz Freire — PMDB-PE). A tese desse deputado, filho do falecido Marcos Freire, é de que não se deve “entregar de mão beijada” a legenda histórica aos que ingressaram recentemente no partido. Mas também não é possível manter toda essa pseudo-unidade.

Outro político experiente comenta: “É preciso levar em conta as contradições, pois há muito mais coisas entre os fisiologistas e os históricos do PMDB do que acredita a vã ideologia”. De qualquer maneira, como observa o deputado Antônio Brito, “a situação dentro do partido chegou a um ponto insuportável”. Heterogêneo de origem, mas com objetivos comuns até 1986, o PMDB passou, a partir das eleições de 1986, a abrigar não apenas desiguais, mas contrários. Daí o ponto de tensão insuportável que atingiu agora. Daí as gozações. Uma delas traduz a sigla histórica como sendo o Partido Mais Dividido do Brasil.

